



Guimarães Rosa e o Burrinho Pedrês: o sertão e as visões populares¹

Yasmini de Sousa Gomes e Silva²
Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

RESUMO

Com o objetivo de entender a cultura do sertanejo e o seu embate com a cultura da natureza, uma análise á partir da obra “O Burrinho Pedrês”, de João Guimarães Rosa, será feita. Usando como auxílio outras obras de Rosa e de autores relacionados ao popular, cuja obra aborda, os aspectos referentes à oralidade e as visões populares serão analisados.

PALAVRAS- CHAVE: Sertão; Oralidade; Visões populares.

A ARTE DE SAGARANA

Composta por nove estórias, Sagarana é uma obra montada no estilo novelístico. Cabe ressaltar que a palavra Sagarana, segundo Mary Daniel, tem como significado algo próximo de “*destino tosco, rude*” (DANIEL. 1968. p. 70). Portanto, podemos considerar que a obra se apropria desse aspecto, já que nas histórias o homem vai se tornando fraco à medida que fica a mercê do seu destino, até perder a voz.

O gênero da obra deve ser classificado como novela, porque os textos obedecem a uma estrutura em que há na narrativa uma ligação principal, ao longo do qual surgem outras histórias e personagens menores, não menos importantes, mas que dão formato à ação principal. Isso exige do leitor uma atenção para as histórias do narrador e as dos demais personagens. Com estórias que se adéquam ao tema e se alteram conforme o enredo o autor, Guimarães Rosa, faz uma combinação com as palavras que atrai cada vez mais o leitor, e ao final, proporciona algo trágico e já pressentido, mas com efeitos de surpresa e de uniformidade, seguindo a idéia de que, devido ao acaso a ficção se mantém como algo mágico e surpreendente.

“Credibilidade na ficção não envolve a exatidão e verossimilhança de todos os pormenores; apenas uma certa sugestão que leva o leitor a não preocupar-se em verificar-lhes a consistência, compenetrando por essa verdade condensada que só por acaso a vida alcança.”(RONÁI. 1946. p.21).

¹ Trabalho desenvolvido na disciplina de Comunicação e Cultura Popular do curso de Jornalismo e no Seminário de Iniciação Científica (SIC), tendo sido premiado como o melhor de sua categoria, da Universidade Federal de Ouro Preto em 2010.

² Graduanda do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto.



O livro, segundo o autor, é “*uma série de Histórias adultas da Carochinha*” (ROSA. 1999), abordando temas do cotidiano de forma ficcional, com o intuito de ensinar. Como se fosse um conjunto de fábulas do sertão.

É conveniente considerar que João Guimarães nasceu no ano de 1908, em Cordisburgo, uma pequena cidade de Minas Gerais, situada entre Curvelo e Sete Lagoas.

Fez muito em sua vida, tendo sido médico, soldado, membro da Academia Brasileira de Letras - mesmo morrendo três dias após sua posse-, dominava o francês, o inglês, alemão, o espanhol, o português arcaico, e, tinha grande conhecimento sobre a literatura. Era autodidata, uma vez que, muitas das línguas que falava aprendeu sem qualquer professor ou aula. Amante da geografia usou tudo o que tinha de conhecimento sobre ela para montar os mais belos cenários para as suas histórias.

Morreu em 1967, mas um discurso feito em homenagem a um amigo, João Neves, três dias antes, remetia a uma despedida. “*A gente morre é pra provar que viveu (...) as pessoas não morrem, ficam encantadas*”. (ROSA. 1967).

Em todas as suas obras é possível identificar aspectos da cultura popular, como a oralidade ou as visões de mundo, que são apresentadas a partir do homem do sertão e da natureza, assim como em *O Burrinho Pedrês*.

UM CERTO BURRINHO PEDRÊS

Quando um burro é jeitoso, qualquer albarda lhe fica bem
(Provérbio Popular)

O Burrinho Pedrês é a primeira novela da obra e caracterizada, pelo próprio autor, como “*sugerida por um acontecimento real, passado em minha terra, há muitos anos*” (ROSA. 1999).

A obra pretendeu ser um resumo da concepção do universo, uma parábola. Conto em que um animal, nesse caso, o burrinho, é, parcialmente, humanizado. É notável o papel do burrinho como um ser que observa tudo de fora, com uma mistura de realismo e ironia. Sua inteligência é apresentada em diversos momentos, inclusive se sobressaindo a dos vaqueiros, que morrem ao final, devido à tentativa de travessia a um córrego cheio. Trata-se de um personagem que ultrapassa a região e os limites histórico espaciais, revelando o aspecto acrônico e generalizante da narrativa.



Esse é o conto em que o autor leva seu público a subestimar a capacidade de Sete de Ouros, o burrinho. Por ser velho e aparentemente cabisbaixo pensa se que ele não passa de um animal como outro qualquer, que já viveu bastante e hoje não muito faz devido a sua velhice. Porém, o desenrolar da história, assim como o desfecho final, revelam o contrário. Esses aspectos são identificados pelos personagens do conto, mas o autor, em vários momentos, busca mostrar o contrário, que apesar de velho e cansado, ele é dotado de inteligência.

“Velho e sábio: não mostrava sequer sinais de bicheiras; que ele preferia evitar inúteis riscos e o dano de pastar na orilha dos capões, onde vegeta o cafezinho, com outras ervas venenosas, e onde fazem vôo, zombadoras e mui comadres, a mosca de berne, a lucília verde, a varejeira rajada, e mais aquela que usa barriga azul” (ROSA. 2001. p. 31)

Não apegado a crenças, mas centrado na ação e na inteligência para se salvar da enchente. *“O burrinho é quem vai resolver... Burro não se mete em lugar onde ele não sabe sair”* (ROSA. 2001. p.90). Aspecto esse ressaltado por um dos personagens do conto.

Inclusive, cabe considerar que, na visão rosiana, os burros e os bois são seres inteligentes. Fato confirmado em suas obras e em outros contos, como em *“Conversa de Bois”*, em que os personagens principais são dois bois. Nesse conto, os animais são antropomorfizados e mantém um diálogo ao longo de toda a história. Já os homens e cavalos estão no mesmo patamar, ou seja, são inferiores aos burros e bois.

O SERTÃO: ESPELHO DO BRASIL E MORALIZADOR DO HOMEM

No sertão tudo é possível
(Guimarães Rosa)

Muitos foram os autores brasileiros que tentaram usar como cenário de suas obras o sertão. Porém, o excessivo toque de romantismo, ou até mesmo a pouca exploração do que essa paisagem realmente tem a oferecer fazem com que o sertão de Rosa seja diferente dos demais. Tanto em seu aspecto físico- geográfico quanto em seu aspecto antropomórfico.

“(...) diferentemente do sertão calcinado e trilhado pelos retirantes de, por exemplo, Vidas Secas, de Graciliano Ramos, este é um sertão caracterizado por aquilo que se chama localmente de campos gerais, com suas pastagens boas para o gado, a perder de vista. E- pasmem- pela abundância de água, tantos são os rios que cortam, dos quais o



principal é o grande São Francisco, com seus numerosos afluentes”.
(GALVÃO. 2000. p. 28)

O sertão de Guimarães Rosa é aquele compreendido entre o sul da Bahia e o norte de Minas Gerais, ou seja, a Zona da Mata desses dois estados. Segundo Candice Vidal,

“Fazer o Brasil intelectualmente inclui a passagem obrigatória pela região do território onde é o sertão. As razões para esse trajeto explicativo comum na sociografia se encontram na sensação geral de que do sertão partem influências definitivas e perenes sobre os destinos da nacionalidade. Daí em diante, parte o escritor para dar a conhecer tal sertão”. (SOUZA. 1997. p.57)

Todos, independente da região em que vivem, têm suas origens no sertão. Na maneira de se vestir, no jeito de falar ou se portar, de uma forma ou de outra, todas as culturas, em qualquer região, tem traços do povo sertanejo.

A escolha de Rosa pelo sertão como cenário é um aspecto importante a se ressaltar. Em várias passagens do conto, por exemplo, o autor procura relatar, detalhadamente, a paisagem sertaneja. Não só geograficamente falando, mas também passando uma espécie de “emoção” e uma busca de um convencimento do quanto à paisagem e o local em que ela se encontra é rico, e não somente um sertão qualquer. É a busca pela exposição dos segredos que o sertão tem a esconder e que precisam ser descobertos.

“Querendo ou não o sertão está em tudo: cada um o que quer aprova, o senhor sabe, pão ou pães é questão de opiniões... O sertão está em toda parte.” (ROSA. 2006. p.8).

Sabe-se que nessa região as visões populares são mais fortes: lendas e “causos” são interpretados não apenas assim, mas como algo que pode voltar a acontecer. Digamos que lá há a transição do povo entre permeável e o mágico, e por isso suas reações são mais visíveis, a sensibilidade de cada pessoa e de cada “coisa” que representa aquele espaço é notada, e o efeito de qualquer fato sobre esse povo e esse lugar é mais perceptível também.

O sertão, não é, porém, um território finito ou que restringe, mas sim um ambiente transcrito pelo signo poético, verdadeiro elemento unificador da obra.

Segundo Walnice Galvão, o sertão pode ser classificado como:

“(...) um espaço amplo e perigoso, cheio de percalços e armadilhas, verdadeiro labirinto existencial, mas que admite brechas levando a



saídas, vias de comunicação- talvez vias de salvação”. (GALVÃO. 2000. p. 29)

Dessa forma se apresenta o sertão de Rosa: em alguns momentos peculiar, em outros universal, pois “*o sertão é o mundo, (...) o sertão é dentro da gente*” (ROSA. 2006. p.19).

Visto como símbolo de força mágica, como uma paisagem sem fronteiras, que revela a verdadeira origem do país. Características que parecem estereotipadas e já conhecidas em um primeiro momento, mas que a partir da leitura permite novas descobertas. O sertão não aparece somente no seu aspecto geográfico, mas também como forma de aprendizado sobre a vida e sobre a existência do sertanejo.

Nos contos de Rosa há a exposição do homem sertanejo e da natureza, que nesse caso é representada pelo sertão. O homem é aquele sempre tido como herói, que enfrenta os desafios impostos pelo destino, mas ao final se vê a mercê do mesmo. Toda aquela superioridade que ele aplica a si se desmorona em função dos caminhos e descaminhos da natureza, mostrando que existem limites que não podem ser ultrapassados.

Essa natureza é aquela que aponta sinais de até que ponto o homem pode chegar e que, inclusive, são observados pelo mesmo. “*Vai cair chuvinha fina, mas as enchentes ainda vão ser bravas. Este ano acaba em seis!*” (ROSA. 2001. p. 41). Ela está ali, como cenário e como fator participante na vida do homem, não impondo verdades ou obrigações, apenas tentando mostrar que nenhum ser é maior que o outro. Diante das eventualidades do destino, independente de quem seja, os perigos serão os mesmos. O que vai diferenciar um homem do outro é a forma com que cada um enfrenta a força do sertão.

No conto “O Burrinho Pedrês” essa situação fica evidente devido ao seu desfecho final. Há, ao longo da história, passagens em que os personagens se exaltam e se portam de uma maneira superior em frente aos demais. Porém, apesar de conhecerem certas características e sinais da natureza, ignoram e partem para a travessia do córrego, para ao final acabarem morrendo. Eles ignoram os sinais da natureza por confiarem demais nos princípios de sua cultura.

A escolha do homem sertanejo é explicada por Rosa como:

“Porque o povo do interior- sem convenções, “poses”- dá melhores personagens de parábolas: lá se vêem bem as reações humanas e a ação do destino: lá se vê bem um rio cair na cachoeira ou contornar a



montanha, e as grandes árvores estalarem sobre o raio, e cada talo do capim humano rebrotar com a chuva ou se estorricar com a seca”,
(ROSA. 1999)

O autor pretendeu expor o quanto o sertanejo e sua cultura são vulneráveis ao mundo que os cerca. É a idéia de que os ensinamentos e leis da natureza ultrapassam a cultura do homem. O embate entre algo voltado para o poder econômico e a força, no caso da cultura do sertanejo, contra algo que se pauta na inteligência e modéstia, como se moldam as “leis” da natureza, em que para alcançar o êxito nada mais basta além da razão e simplicidade. As ações humanas são realizadas de acordo com as leis do destino impostas pela natureza e não conforme a vontade dos homens, a cultura.

O espaço onde as ações ocorrem pode ser compreendido como um território situado no extremo da civilização moderna. É possível identificar nas obras de Rosa os componentes sócios econômicos dessa região, destacando, novamente, a imagem dos animais como bastante representativa. A natureza, além de cenário, é um agente ativo, participante, fortemente ligado aos destinos do homem, contribuindo, dessa forma, decisivamente, para a moldagem da linguagem e para a visão de mundo representada pelos textos do autor.

As personagens que habitam esse mundo trabalhado com elementos reais e mágicos derivam da organização sócio econômica do local, e também como o espaço, transitam entre a realidade e magia. Os jagunços, o rio, os campos, os fazendeiros, a flora e os animais são seres que a capacidade criadora de Guimarães Rosa transforma em concretização dos segredos da vasta cultura popular.

O folclórico, o documental e até mesmo aquilo que é gracioso de uma forma original cedem lugar a uma maneira nova de analisar as dimensões da cultura, moldada em suas bifurcações no mundo da linguagem. Rosa se difere dos demais autores brasileiros pelo seu modo de se relacionar com a palavra.

Até então, tudo se voltava para o provado com imagens, mas a partir dos textos de Rosa a palavra passou a dar sentido aos fatos, se bastando apenas por ela.

ORALIDADE ROSIANA

Todas as regiões, sejam elas de qualquer lugar do país, possuem suas características próprias, ou seja, sua cultura e tradição. O sertão de Rosa, como já mencionado, pode ser enxergado como espelho da cultura brasileira, uma vez que



aspectos diversos desse sertão são atribuídos ao sertanejo e ao mesmo tempo, aspectos do sertão, que moldam o sertanejo, são atribuídos ao resto da nação, como um todo. Aspectos esses que formam a cultura daquele povo, mas esta não deixa ser entendida como algo “copiado”, e sim como algo novo e exclusivo.

Segundo Sérgio Buarque de Holanda,

“A experiência e a tradição ensinam que toda cultura só absorve, assimila e elabora, em geral, traços de outras culturas, quando estas encontram possibilidade de ajustes aos seus quadros de vida”.
(HOLANDA. 1965. p. 40)

Ou seja, aquilo que foi tido como “útil” para a cultura do sertanejo presente em outras, foi atribuído. Assim como o que existe na cultura do sertanejo é tomado para outras culturas, lembrando que a tradição desse sertanejo é aquela pautada nos ensinamentos que o sertão, ou seja, que a natureza, tem a oferecer.

Não somente em *Sagarana*, mas em outras obras do autor, como *Grande Sertão: Veredas*, a presença de um “dialeto” é notada. Trata-se de palavras não inventadas, como muitos julgam, mas sim de uma provocação de experiências por estórias. Rosa transcreveu aquilo que viu e ouviu, visando expor as vivências sertanejas, transformando às em uma visão romanceada, ou seja, fabulando as.

Mas cabe considerar que o autor só começou a “criar” depois de ter feito uma descrição detalhada da língua portuguesa. São famosos os caderninhos que estavam com ele nas caminhadas pelo sertão e que iam guardando a forma de falar e de se expressar do povo daquele lugar.

Muitas são as palavras usadas pelo autor e alguns exemplos delas são: afanados, do latim, *affanare*, que tem como significado algo relacionado com o latim vulgar *affanae*, com provável influência do provençal, buscados, procurados. Há também a palavra coisando, do latim *causa*, que significa pensando, imaginando; ou a palavra solevou, do latim *levare* e significa erguer- se.

Dessa forma, o autor se posicionou na liberdade de alternar sufixos, fazer derivações substantivas, adjetivas e até mesmo inventar verbos a partir da especificação de vogais, ou seja, “o escritor está reproduzindo os processos de criação da própria língua” (GALVÃO. 2000. p.9).

O fato é que em nenhum momento anterior a língua havia sido tratada dessa maneira, destacando todas as suas vertentes e virtudes.



Essa maneira com que Rosa expõe suas palavras “inventadas” é uma forma de apresentação e reafirmação da cultura do sertanejo. Aquilo que identifica o sertanejo como pertencente a aquele grupo, ou seja, é um dos vários traços de sua identidade.

“Escrevo, e creio que este é o meu aparelho de controle: o idioma português, tal como usamos no Brasil; entretanto, no fundo, enquanto vou escrevendo, extraio de muitos outros idiomas”. (ROSA. 1969. p.15).

A partir dessa afirmação de Rosa, segue o raciocínio de que o falar de um determinado grupo está, de certa forma, relacionado ao falar de outros. É a idéia de que culturas são interligadas, ou como já citado por Sérgio Buarque de Holanda, as adaptações “convenientes” de uma cultura são “absorvidas” e adaptadas para outras.

A linguagem, ainda que baseada nos aspectos do falar sertanejo, mistura se a pesquisa aprofundada, aos arcaísmos, a exploração sonora, sintática e semântica, conferindo ao regionalismo uma dimensão jamais encontrada em nenhum outro autor brasileiro.

“No sertão fala-se a língua de Goethe, Dostoievski e Flaubert, porque o sertão é o terreno da eternidade, da solidão (...). No sertão, o homem é o eu que ainda não encontrou um tu; por ali os anjos e o diabo ainda manuseiam a língua” (ROSA. 1969. p.15).

VISÕES POPULARES NO SERTÃO DE ROSA

Evitar superstições é outra superstição
(Francis Bacon)

A ligação do sertanejo com a religiosidade é extremamente forte. O mundo cultural é fortemente identificado com o regionalismo sertanejo, além do misticismo. Carlos Drummond de Andrade, em seu poema homenagem a Rosa faz apologia a esse aspecto. *“Tinha parte com..”* (ANDRADE. 1967). O misticismo do sertão, uma religiosidade quase medieval, baseada apenas nos dois extremos e marcadas pelo medo, pelo pavor, em que há uma preocupação até mesmo em não invocar o “demo” para que ele não “forme forma”. *“O diabo vige dentro do homem, os crespos do homem- ou é homem arruinado, ou é homem dos avessos”* (ROSA. 2006. p. 10)

Além disso, as causas dos acontecimentos são atribuídas a Deus e outros santos que cada personagem é mais apegado, ou ao demônio, dependendo de suas conseqüências.



“E outra coisa: o diabo é as brutas, mas Deus é traiçoeiro- dá gosto! A força dele, quando quer- moço! Me dá medo e pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho- assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza” (ROSA. 2006. p. 23).

Mas não só a “criação” de palavras é algo marcante nas obras rosianas. Os ditos populares, as frases usadas para relatar, explicar ou questionar os fatos da vida dão outra mostra do que é composta a cultura do sertão.

No desfecho do conto *O Burrinho Pedrês*, inúmeras são as expressões usadas. Primeiramente, para explicar a própria história, o autor utiliza uma frase se remetendo a uma espécie de conhecimento, como aqueles que avós passam para as gerações futuras. *“A estória de um burrinho, como a história de um homem grande, é dada no resumo de um só dia de sua vida”* (ROSA. 2001. p. 31).

Como já mencionado, o objetivo dos vaqueiros no conto era levar a boiada para o abate, e para isso deveriam atravessar o rio, só que não contavam com a enchente que os acompanharia na volta. Apesar dos vários “sinais” dados pela natureza, *“A lua não é boa... Ano acabando em seis...”* (ROSA. 2001. p. 31), insistiram na travessia e acabaram morrendo.

Um povo é caracterizado por suas crenças, por seus costumes, por sua cultura, e aquilo que é feito ou que é dito, vem com base nessa cultura. Se alguém acredita que a forma com que o gado se comporta é indício da chegada da chuva, deve-se entender isso como um pensamento baseado em uma crença, formulada e “enraizada”, e a partir desse aspecto tem-se uma característica de uma cultura. Em diversos trechos de *O Burrinho Pedrês* essa situação aparece. O comportamento dos animais, a fase em que a lua se encontra, dentre outros, segundo o homem sertanejo, indicam a chegada de uma chuva, são um sinal dos céus ou do demônio para aquilo que há de vir.

“Olha só, vai trovejar- e Leofredo mostrava o gado: todos inquietos, olhos ansiosos, orelhas erectas, batendo os parênteses das galhas altas. - não é trovoada não. São eles que estão adivinhando que a gente está na horinha de sair” (ROSA. 2001. p. 45).

“Vai cair chuvinha fina, mas as enchentes ainda vão ser bravas. Este ano acaba em seis!” (ROSA. 2001. p. 41).

Pode-se dizer que as lendas são uma forte aliada para a “concretização” de uma crença. A partir do momento que um grupo acredita em determinado fato e o passa para



frente, de forma que muitos acreditem, aquele fato se torna algo aceitável. Se indivíduos acreditam que algo só se realizou devido a uma interferência divina, ou a uma demonstração da natureza, podemos considerar isso como uma crença. Ou seja, se é persuadido por algo a partir do momento que se enxerga a verdade naquilo, tendo justificativas racionais ou não.

CONCLUSÃO

Cabe finalizar apontando algumas questões observadas a partir da leitura do conto.

O Burrinho Sete- de- Ouros, em um primeiro caso, sempre era apontado como um ser fraco e sem muita disposição, tudo devido a sua velhice.

Porém, ao final da estória o leitor é surpreendido pelo destino dos personagens, e, principalmente, o do burrinho, que é o que se salva da enchente, além de trazer consigo mais dois vaqueiros, sendo um o que estava montado nele e o outro o que estava preso a ele durante a travessia.

A partir disso, pode-se considerar que subestimar um ser da natureza por ele se apresentar mais fraco, ou até mesmo “inferior” é algo errado. Usando um ditado popular, Rosa ensina que, “*Não é nas pintas da vaca que se mede o leite e a espuma*” (ROSA. 2001. p. 43). Ou seja, não são as representações do mundo que devem guiar as ações humanas, mas sim a objetividade do mundo. Aquele que mais era visto como fraco, e inferior, também por ser um animal, se sobressaiu e se salvou. Sete de Ouros é o anti herói do conto, aquele que tinha todas as características para ser vencido, mas ao final vence, porque representa a superioridade da natureza sobre a cultura do homem.

Além disso, o apego aos santos, as superstições de que fala Rosa, as cantigas que falam do amor e da paisagem do sertão, aos ditos populares, “*Suspiro de vaca não arranca estaca!*” (ROSA. 2001. p. 44), que são identificados ao longo da obra e mostram o quanto as visões populares movem certas culturas. Apontam que culturas necessitam de crenças para se sustentarem, para definirem seus valores.

Isso significa identificar que, diante das forças da natureza, a cultura de nada serve, mas diante das forças da sociedade, a cultura de torna fundamental, em especial na sua dimensão religiosa. As formas religiosas de organização do mundo colocam o homem em contato direto com as forças superiores, absolutas, que permitem que ele



reorganize o mundo. Crenças definem valores e os valores determinam as ações do homem no mundo.

Rosa traz, por meio de suas obras, a caracterização da relação menos racional do homem com o seu destino. O embate entre o crer e não crer, entre o que é real ou não e o que pode vir a ser. A “força” e o “poder” do homem sobre o mundo. Mas, principalmente, o autor apresenta a “força” e o “poder” do sertão, que é o mundo, sobre o homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Um chamado João. *Correio da Manhã*, 22 de novembro de 1967.
- COSTA, Dimas, ESPINOSA, Antônio. *Literatura Comentada*. ed- São Paulo: Nova Cultural.1981.
- DANIEL, Mary Lou. João Guimarães: Travessia Literária. Prefacio de Wilson Martins, Rio de Janeiro, José Olympio, 1968, XXXIII –186 p.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Folha explica Guimarães Rosa. Folha explica. Bibliografia. São Paulo: Pubifolha, 2000.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed- São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MARTINS, Nilce Sant’ Anna. *O Léxico de Guimarães Rosa*. 3. ed. revista- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- RONÁI, Paulo. *Arte de contar em Sagarana*. 1946.
- ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROSA, João Guimarães, LORENZ, Günter. A literatura e a vida. Em *Arte em Revista*, ano I,1969.
- ROSA, João Guimarães. *Carta de João Guimarães Rosa João Condé: revelando os segredos de Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- ROSA, João Guimarães. *Discurso de posse da Academia Brasileira de Letras*. 1967
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 1. ed- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- SOUZA, Candice Vidal e. *A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro*. Goiânia: ed. da UFG, 1997
- MATA, Giulle Vieira da. O segredo do boi misterioso nos romances de vaqueiros. Separata de *La revista de Dialectología e tradiciones populares*. LVIII, 2. Madri – p. 33 a 70 - 2003.